



VOZ DA FÁTIMA

Chamados ao Encontro

EDITORIAL

Casa e escola de oração

Padre Carlos Cabecinhas

Por decisão do Papa Francisco, este ano tem sido especialmente dedicado à oração. Em plena sintonia com esta opção eclesial, o Santuário de Fátima adotou este tema, que nos ajudou a fortalecer a consciência de que a oração é de importância vital na vida cristã e na ação da Igreja, não apenas nos momentos de dificuldade, em que ela brota espontânea dos nossos lábios com súplica, mas sempre sem desânimo.

Qualquer balanço que tentasse fazer seria superficial e incompleto, mas não tenho dúvidas de que este ano pastoral não apenas nos foi conduzindo ao âmago da mensagem de Fátima, onde a oração ocupa um lugar essencial, mas permitiu-nos também pôr em relevo o papel e o lugar de Fátima como casa e escola de oração. É verdade que se pode rezar em qualquer lugar, mas há lugares que podem favorecer a oração. Por definição, os santuários cristãos são lugares excepcionais para a oração; mas podem ser também “escolas de oração”, lugares onde se aprende a rezar. O Santuário de Fátima, em virtude da mensagem que lhe deu origem e de que é depositário, entende ser sua especial responsabilidade esta promoção da vida de oração. E este ano pastoral, com as várias iniciativas, pretendeu dar concretização a esta missão.

De entre as muitas iniciativas do Santuário, gostaria de destacar uma que envolveu as comunidades religiosas contemplativas, que dedicam à oração parte significativa dos seus dias. Já antes, de 12 de maio de 2014 a 2 de fevereiro de 2015, o Santuário tinha promovido a visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima a todas as comunidades contemplativas presentes em Portugal, pedindo-lhes oração que fosse o suporte de todas as iniciativas do Centenário das Aparições de Fátima.

Porque o testemunho de vida destas comunidades nos recorda permanentemente o lugar essencial da oração na vida cristã e porque acreditamos que a sua oração suporta a nossa ação pastoral, entendemos dar-lhes uma visibilidade especial ao longo deste ano. Assim, desde maio, na última sexta-feira de cada mês, o terço das 18h30 — que é transmitido pela televisão, rádio e pelos meios digitais — contou com meditações preparadas por comunidades contemplativas das várias famílias religiosas presentes em Portugal. Para a grande Peregrinação de 12 e 13 de outubro, convidámos estas comunidades religiosas a fazerem-se presentes: algumas enviaram irmãs em sua representação, outras acompanharam-nos espiritualmente. Além disso, no dia 12 de outubro, as meditações do terço das 21h30 foram preparadas pelas irmãs do Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, a comunidade a que pertencia a Irmã Lúcia.

Se dou destaque a esta iniciativa é porque me parece um belo corolário deste ano dedicado à oração: terminado este ano, o testemunho das comunidades contemplativas não nos deixará esquecer o lugar da oração nas nossas vidas.

As preces que marcaram as grandes peregrinações de 2024

A 13 de outubro último concluíram-se as grandes peregrinações de 2024 em Fátima. No final de mais um ano pastoral, recordamos as preces que marcaram as seis peregrinações internacionais aniversárias deste ciclo, vivido sob o lema “Chamados ao Encontro”.

Diogo Carvalho Alves



Em 2024, as grandes peregrinações a Fátima ecoaram preces que expressaram o anseio pela paz, pela fraternidade e pela verdade. Num ano em que os peregrinos foram “Chamados ao Encontro”, na preparação do primeiro Jubileu do século XXI, a Cova da Iria foi lugar de convergência e de esperança de uma humanidade que se confronta com desafios complexos.

A 12 e 13 de maio, o cardeal espanhol D. Juan José Omella, com uma homilia espontânea, apelou à oração e ao sacrifício, em prol da paz, aos cerca de 450 mil peregrinos que estiveram presentes nas celebrações dos dois dias.

Um mês depois, D. António Dias presidiu à Peregrinação de junho com uma prece intensa de perdão e conversão, reforçando o papel de

Fátima como espaço de misericórdia e alertando para o perigo da mentira, da corrupção e do pecado.

Em julho, D. Manuel Felício lembrou os povos que sofrem o flagelo da guerra na Ucrânia e na Palestina, mas também nas “partes do mundo menos noticiadas”, como o Sudão, o Mianmar, o Líbano ou a Etiópia.

Na Peregrinação Nacional dos Migrantes, em agosto, D. Virgílio Antunes, bispo de Coimbra, destacou Fátima como um “reduto de fé” e um “lugar de súplica e de gratidão” para os migrantes, enfatizando a importância da fraternidade para um mundo mais justo.

Setembro trouxe as orações do bispo de Beja, D. Fernando Paiva, que reforçou o pedido do fim dos conflitos

na Terra Santa e na Ucrânia, apontando Nossa Senhora como conforto para os aflitos e renovando o apelo por um futuro mais unido.

Na última grande peregrinação do ano estiveram na Cova da Iria 180 mil peregrinos, tanto no dia 12, quanto no dia 13 de outubro. A presidir à Peregrinação Internacional Aniversária de outubro esteve o cardeal D. Leonardo Ulrich Steiner, arcebispo de Manaus, que veio dos territórios da Amazônia para implorar pela paz no mundo e pedir pelo cuidado com a Casa Comum.

Em cada peregrinação, as preces ressoaram como um grito comum de esperança e fé, sublinhando a importância de Fátima como lugar sagrado de amparo e devoção em tempos incertos.

Cerca de 180 mil peregrinos imploraram pela paz, em Fátima

Na última grande peregrinação de 2024, pediu-se também pela inclusão e pelo cuidado pela Casa Comum.

Diogo Carvalho Alves

A Peregrinação Internacional Aniversária de 12 e 13 de outubro foi presidida pelo cardeal D. Leonardo Ulrich Steiner, que trouxe a Fátima as intenções da paz mundial, da justiça social, da inclusão e do cuidado pelo meio ambiente.

O clamor pela paz foi aquele que mais ecoou das palavras de D. Leonardo Steiner, que pediu aos cerca de 180 mil peregrinos que encheram o Recinto de Oração da Cova da Iria, no dia 13, que repetissem a uma só voz esta prece: “Imploramos a paz! Diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima, peçamos a paz. Peçamos à Rainha da Paz que converta, transforme o coração dos que ali-

mentam o ódio, a vingança, a destruição, a morte, e se instaure a fraternidade, a irmandade”, exortou o cardeal brasileiro, num apelo prontamente acolhido pela assembleia que repetiu o pedido de paz por três vezes.

O arcebispo de Manaus, que governa parte do território da Amazônia, apontou o foco também para a dura realidade das comunidades indígenas e para a degradação ambiental naquela região, apelando ao respeito pelos povos, ao cuidado com o meio ambiente e ao cuidado mútuo.

“Aqui, aos pés da Virgem, elevo a prece pelos indígenas: que sejam respeitados no seu modo de vida, na sua cultura. As terras dos antepassados, dos ancestrais,

sejam a casa, a morada dos nossos irmãos e irmãs indígenas no Brasil. Desapareça a ganância, a destruição, a morte nas terras ancestrais. Cesse o desmatamento, termine a pesca predatória, desapareça o garimpo ganancioso, destruidor e depredador”, pediu o cardeal brasileiro, que também instou à justiça social, à inclusão dos pobres e ao acolhimento dos migrantes e refugiados.

D. Leonardo Ulrich Steiner lembrou também o amor paternal e primordial de Deus para com a Humanidade.

“Não poderíamos amar a Deus se Ele não nos tivesse amado!”, afirmou, apontando o olhar para Nossa Senhora e para o seu papel de intercessora.

Uma Igreja sinodal

A noite chuvosa de 12 de outubro não impediu que um igual número de peregrinos participasse na habitual recitação do Rosário e na celebração da Palavra. E foi da falta de chuva e da seca que o presidente da celebração falou na homilia.

“Vieram no meu coração os que sofrem com a falta de chuva, com a seca dos igarapés e a falta de navegabilidade dos rios amazônicos; os que sofrem com o desmatamento e os garimpos. Coloco aos pés da Virgem a nossa Casa Comum, sempre mais destruída”.

Tendo chegado a Fátima, vindo de Roma, onde participava na segunda sessão da XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, D. Leonardo Steiner apresentou a comunhão, o anúncio do

Evangelho, o acolhimento e a inclusão como condições essenciais para uma Igreja sinodal missionária.

Num apelo ao encontro com Deus, o cardeal brasileiro apontou o olhar para Nossa Senhora.

“No momento de maior sofrimento e dor, ao enfrentar a morte, nós temos Nossa Senhora como mãe. Aqui estamos! Formamos uma multidão, uma grande família! Ao nos encontrarmos para a celebração desta noite com nossas velas acesas, celebramos o cuidado de Deus para conosco em Nossa Senhora de Fátima”, disse o presidente da Peregrinação, lembrando os apelos à oração, conversão e fidelidade ao Evangelho solicitados pela Mãe de Deus.



PEREGRINAÇÃO DE 12 E 13 DE OUTUBRO



Papa Francisco lembrou Fátima a partir de Roma

A Adoração e a Bênção aos Doentes, no final da Missa Internacional do dia 13, cumpriram-se com uma custódia oferecida pelo povo irlandês há 75 anos, após iniciativa do casal Conroy em 1948, com o fim de cumprir uma promessa a Nossa Senhora de Fátima. Presente na celebração esteve a filha do casal, Grainne Conroy.

A custódia, que integra a exposição permanente do Museu do Santuário de Fátima, foi oferecida ao Santuário de Fátima, em 7 de outubro de 1949, por ocasião de uma peregrinação a este Santuário e passou a simbolizar, em Fátima, o amor que os irlandeses têm à Mãe de Deus.

No final da celebração, o bispo de Leiria-Fátima agradeceu a presidência de D. Leonardo Steiner e pediu oração à assembleia reunida em Fátima para o regresso de ambos aos trabalhos da segunda sessão da XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, que decorria em Roma.

Também no Vaticano, o Papa Francisco lembrou o aniversário da última aparição em Fátima, numa referência que surgiu ao pedir a intercessão de Nossa Senhora para as crianças que, a 18 de outubro, se viriam a unir em oração pela paz, numa iniciativa da fundação pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre que foi concretizada também a partir de Fátima [Ver notícia pág.14].

A celebração que encerrou a Peregrinação teve ainda

outras particularidades, nomeadamente a entoação de um cântico, no momento da preparação do altar, com letra de Luís Vaz de Camões, poeta de quem se assinalam os 500 anos do nascimento.

De seguida, numa das preces da Oração Universal, pediu-se pela Guarda Nacional Republicana, no dia em que a força de segurança assinalava 112 anos no distrito de Santarém. “Para que cada um dos seus militares se constitua, permanentemente, um exemplo de dignidade, de conduta social, de relações humanas e solidariedade para com o seu semelhante”, pediu-se em oração.

Comunidades contemplativas uniram-se em oração no Rosário

Neste ano que a Igreja dedica à oração, com vista à preparação para o Jubileu de 2025, o Santuário convidou 35 comunidades contemplativas a acompanharem a recitação do Rosário Internacional da noite de 12 de outubro, na Capelinha das Aparições.

Em resposta ao convite, fizeram-se representar na Cova da Iria oito comunidades contemplativas, tendo as restantes acompanhado espiritualmente o momento de oração.

“É uma honra e uma alegria muito grande estar aqui, de olhos nos olhos com a Mãe, que falou aos Pastorinhos e que nos trouxe uma mensagem evangélica”, partilhou com a *Voz da Fátima* a irmã Maria Albertina, das Clarissas do Mosteiro de São José, em Vila das Aves, momentos antes do início do Rosário.

Neste Ano da Oração, algumas comunidades contemplativas assumiram no Santuário a preparação das meditações do Terço das 18h30, da última sexta-feira de cada mês.



A *Voz da Fátima* agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 45.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redação: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Fotografia: Arquivo do Santuário de Fátima
Revisão: André Pereira e Carla Abreu Vaz
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone: 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: press@fatima.pt | www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, 161 | 3020-430 Coimbra

A VOZ DO PEREGRINO

A experiência da peregrinação a Fátima contada na primeira pessoa



Quem peregrina a Fátima traz na bagagem uma fé que vence distâncias e obstáculos. Quer se venha de outro continente ou se peregrine a pé, há algo em comum: a alegria da chegada e a devoção a Nossa Senhora.

João Duarte Mendonça e Diogo Carvalho Alves



Grupo de peregrinos de Castelo Branco, a caminho de Fátima para a Peregrinação de outubro.



Grupo de Évora em peregrinação para a Cova da Iria, a 9 de outubro.

“Venho anualmente a Fátima e não abro mão disso”

Em todo o Brasil há muitas igrejas e capelas dedicadas a Nossa Senhora de Fátima. No Rio de Janeiro há uma capela que reproduz a Capela das Aparições daqui e, tal como aqui, celebram-se missas que são transmitidas via internet para todo o Brasil. Eu venho anualmente a Fátima e não abro mão disso. Eu pretendo voltar e voltarei muitas vezes. Sempre que eu estive aqui, visitei as exposições. Visitei várias vezes a exposição temporária, que eu achei belíssima. Fátima é um lugar maravilhoso que me acalma e que me traz paz. Vale muito a pena vir e conhecer.

FÁTIMA RAMOS
Rio de Janeiro, Brasil

“Tenho uma verdadeira adoração por Nossa Senhora de Fátima”

Nossa Senhora do Rosário de Fátima é de grande importância para o povo brasileiro. Eu tenho uma verdadeira adoração por Nossa Senhora de Fátima e pelo significado das aparições. O Santuário de Fátima é muito importante para mim. Há dez anos quando estive aqui senti uma grande emoção. O meu marido irrompeu em lágrimas ao avistar a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e quando nos aproximámos à Capela das Aparições. Eu tenho o meu coração aberto à veneração a Nossa Senhora do Rosário. Fátima tem essa importância muito grande no coração de todos os brasileiros.

SUELI SILVEIRA
Rio de Janeiro, Brasil

“A pé cansa mais, mas a motivação é outra”

Tenho 62 anos e todos os anos tiro férias para peregrinar a Fátima. Andamos uma média de 30 a 40 quilómetros diários e já temos planeadas as pernoitas, nos lugares onde vamos parar. Este ano venho com dois novatos, mas, mesmo que eles não viessem, eu vinha sozinho. O primeiro dia foi mais complicado porque choveu o dia todo, mas nós temos impermeáveis e nunca paramos. Nada nos para! A pé cansa mais, são mais dias, fica mais caro, mas a motivação é outra.

JOSÉ MARQUES
Peregrino a pé de Braga

“Completamente libertos e em paz”

Este rezar com os pés é uma coisa que nos faz muito bem à alma. Vivo-o como um momento de purificação. A minha passagem de ano não é a 31 de dezembro, mas depois de cada peregrinação a pé a Fátima, na qual me liberto de tudo o que é mau e de onde venho rejuvenescido e com outra energia e motivação. Depois de quatro dias a caminhar, quando pisamos o Santuário, acontece um milagre e as dores e o peso desaparecem. As nossas tensões e preocupações vão ficando para trás e, quando ali chegamos, estamos completamente libertos e em paz.

HUGO FRANCO
Peregrino a pé de Castelo Branco

“A minha alegria é poder chegar aos pés de Maria”

Peregrino a Fátima como agradecimento à Mãe por tudo o que tenho tido na vida. A minha alegria é poder chegar aos pés de Maria e oferecer as minhas peregrinações e o meu serviço por aqueles que sempre desejaram, mas nunca puderam peregrinar. No caminho, as pessoas respeitam e ajudam muito os peregrinos, oferecendo água, comida e o que for necessário. Estas atitudes tocam-nos imenso e nós retribuimos com a nossa oração. Cada peregrinação é diferente e, por mais que façamos este caminho, a chegada é sempre muito especial, também pela partilha que fomos fazendo ao longo do caminho.

AMÍLCAR ALVES
Peregrino a pé de Évora

Livro de Honra do Santuário de Fátima

D. Léon-Étienne Duval (1903-1996) Livro de Honra n.º 1 (1945-1985), fl. 7

*Pèlerins de la paix qu'ils sont venus
demander à Notre-Dame de Fatima, 500
diocésains d'Alger, avec beaucoup de prêtres et
leur archevêque, ont cherché et trouvé en
ce sanctuaire le réconfort spirituel et la
sainte espérance dans les progrès du Règne de Dieu.
10 août 1961
+ Léon-Étienne Duval
Archevêque d'Alger et de Julia-Césarée.*

TRANSCRIÇÃO

Pèlerins de la paix qu'ils sont venus demander à Notre-Dame de Fatima, 500 diocésains d'Alger, avec beaucoup de prêtres et leur archevêque, ont cherché et trouvé en ce sanctuaire le réconfort spirituel et la sainte esperança dans le progrès du Règne de Dieu.

10 août 1961

+ Léon-Étienne Duval

Archevêque d'Alger et de Julia-Césarée

TRADUÇÃO

Peregrinos da paz que vieram pedir a Nossa Senhora de Fátima, 500 diocesanos de Argel, com muitos padres e o seu arcebispo, procuraram e encontraram neste santuário o conforto espiritual e a santa esperança no progresso do Reino de Deus.

10 de agosto de 1961

+Léon-Étienne Duval

Arcebispo de Argel e de Júlia-Cesareia

CONTEXTUALIZAÇÃO

Léon-Étienne Duval, arcebispo de Argel entre 1954 e 1988, foi elevado ao cardinalato em 1965. No período do seu episcopado, decorreu a Guerra de Independência Argelina (1954-1962), que opôs as forças da Frente de Libertação Nacional aos *pièds-noirs* franceses, num conflito que acelerou a queda da IV República Francesa (1958) e culminou com a independência da Argélia (1962). No exercício do seu múnus, Duval tomou posição pela descolonização e condenou a violência, a pena de morte e o uso da tortura. A proximidade à causa independentista levou a que os seus detratores o apelidassem de Mohamed Duval.

Foi neste contexto que, entre 9 e 11 de agosto de 1961, 560 peregrinos acompanhados pelo Arcebispo, cinco cónegos do Cabido de Argel e 11 párocos da mesma cidade peregrinaram a Fátima para pedir a paz. No mês seguinte, a *Voz da Fátima* deu nota da peregrinação e do seu programa e fez publicar a mensagem aposta por Duval no Livro de Honra.

Arquivo do Santuário de Fátima

A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n.º 12605-OUT.II.3698

Leitão & Irmão Joalheiros (fabricante: FARUP e Nominalplas), 2024

Plástico moldado; liga metálica fundida, dourada e modelada

54 cm [comprimento]; 5,5 x 2,8 x 0,4 cm [cruz]

Terço Oficial do Santuário de Fátima (2.ª edição)



De cadeia dourada, o terço compõe-se, na sua fieira maior, de cinco dezenas de contas azuis intercaladas com uma conta dourada e, na fieira menor, por três contas azuis antecidas e precedidas por duas douradas. A última conta do terço tem gravado o monograma do Santuário de Fátima e a Coroa Preciosa de Nossa Senhora de Fátima. Na sua cor azul, as contas recordam a figura de Maria; na dourada, o terço sublinha o caminho rumo à luz que é Deus.

A medalha central da peça apresenta, numa face, a escultura de Nossa Senhora de Fátima, venerada na Capelinha das Aparições, e, na outra, o monumento da Aparição do Anjo, na Loca do Cabeço. A cruz com que o terço termina, de feição latina, reproduz a que remata a Coroa Preciosa, mas adicionando-lhe a silhueta do Crucificado.

Recua a 2010 a criação de um terço oficial do Santuário de Fátima, realizado em ouro e topázios, mas pensado também para poder replicar-se, em materiais menos nobres, a fim de poder estar ao alcance de todos os peregrinos. A primeira versão, em 2024 alterada no que respeita à cruz, reproduzia a Cruz Alta, de Robert Schad.

Museu do Santuário de Fátima

Procissão das velas

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Embora não seja marca exclusiva da paisagem ritual de Fátima, a Procissão das Velas é uma das imagens mais marcantes das celebrações da Cova da Iria. Considerando o símbolo antropológico da luz — lido a partir da teologia cristã e sublinhado pela própria mensagem de Fátima, toda ela perpassada pelo símbolo da luz —, miríades de peregrinos tomaram parte das procissões organizadas em Fátima em louvor da Virgem de Fátima segurando

uma vela acesa.

A primeira referência documental que se encontra a um percurso organizado integrando fiéis com velas remonta a 12 de maio de 1925 e refere-se à procissão organizada entre a igreja paroquial de Fátima e a Capelinha das Aparições. A descrição das celebrações de outubro seguinte dá conta já da paisagem que ficaria típica deste lugar, em redor da Capelinha da Cova da Iria, enfatizando o “lago imenso de luz» que os

milhares de velas formavam.

A paisagem de Fátima assemelhou-se, assim, à paisagem celebrativa de outros santuários, designadamente de Lourdes, onde se formam massas humanas marcadas por milhares de pontos de luminosos. Nesses tempos iniciais, durante o trajeto, encabeçado pela cruz de Cristo e pelas bandeiras identitárias dos grupos eclesiais, os fiéis aclamavam, entoavam cantos à Virgem, figurada na Imagem que levavam em ombros, e re-

citavam o Rosário.

Na atual configuração da ritualidade da noite na Cova da Iria, a Procissão das Velas é antecedida pelo rito do lucernário, durante o qual os fiéis acendem as velas a partir do círio pascal que se encontra na Capelinha das Aparições. Depois de estendida a luz a todo o recinto, são recitados e meditados cinco mistérios do Rosário, iniciando de seguida a procissão que conduz a Imagem de Nossa Senhora de Fátima (nas procissões

quotidianas, tornando à Capelinha; nas procissões das peregrinações aniversárias, conduzindo a Imagem ao presbitério do recinto de oração, do qual retorna, depois da solene Celebração da Palavra que aí tem lugar). O recinto de oração, sobretudo nos dias 12 dos meses de maio a outubro, é provavelmente uma das mais belas expressões da própria Igreja que, de lâmpadas acesas em sua mão, espera a vinda de Cristo, no fim dos tempos.

FÁTIMA AO PORMENOR



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

É curiosa a ritualidade dos propósitos de mudança! No início de cada ano ou no período da quaresma ou do advento, sou frequentemente dado a este rito da conversão, habitado por uma inusitada motivação e uma esperança renovada. Acorde mais cedo, fazer desporto diário, reduzir o consumo de redes sociais e de sal, comer menos carne, mais legumes, lembrar-me de sorrir e de abraçar. A lista multiplica-se, levada pela imaginação que se desenvolve sem limite a cada ano. Inva-

A mudança

riavelmente, a motivação primeira que anima o meu propósito rápido desgasta-se e não são precisos muitos dias (por vezes, algumas horas) para que me esqueça da decisão tomada (ou pelo menos de a cumprir). Isso não significa que não persista em mim o desejo de mudança. Pelo contrário, esse desejo vem confirmado a cada novo ano, advento ou quaresma. Significa talvez, isso sim, que o trabalho de mudança é algo que se faz com a paciência do tempo, a educação da persistência e a coragem de uma fidelidade ao que nos anima interiormente.

Vem isto a propósito do sínodo sobre a sinodalidade, evento maior que animou (para uns mais do que para outros) a igreja católica nos últimos quatro anos. Para

muitos, esta reunião que tentou mobilizar a igreja a nível local, nacional e global, foi oportunidade de formular propósitos de mudança, de reimaginar uma igreja que, em fidelidade ao evangelho e à sua história, fosse criativa na sua presença na cidade, presença humilde e significativa num mundo descristianizado, e capaz de transparecer o *kerygma* através de estruturas simplificadas, transparentes e equitativas. Estou em crer que nunca algo semelhante fora experimentado na história da humanidade: uma longa reflexão, à escala mundial, a todos os níveis da instituição, sobre a missão de uma comunidade e a forma de a pôr em prática. Muitos propósitos de mudança foram formulados, nem sempre concordantes,

por vezes opostos. Também o propósito da não-mudança foi exprimido por alguns. Mas, durante quatro anos, a esperança de uma criatividade eclesial foi alimentada pelos diálogos espirituais que colocaram a comunidade a ser comunidade.

No final do sínodo, é possível que haja alguma desilusão se alguns ou muitos dos nossos propósitos de mudança não tiverem sido acolhidos como pretendíamos. É possível que tivéssemos esperado decisões explícitas que não foram tomadas ou orientações práticas precisas e concretas que não viram a luz do dia. Talvez achemos que o sínodo prometeu mais do que pode entregar. Creio que é importante recordarmos as palavras de Thimoty Radcliffe no início do último encontro sinodal: “mesmo

que estejamos desiludidos com o resultado do Sínodo, a providência de Deus está a atuar nesta Assembleia, levando-nos para o Reino de formas que só Deus conhece. A sua vontade para o nosso bem não pode ser frustrada”. E ele recorda, com graça, a resposta do Cardeal Consalvi a um monsenhor alarmado que dizia que Napoleão queria destruir a Igreja: “Nem mesmo nós conseguimos fazer isso”.

A mudança faz-se de pequenos recomeços a cada instante. A cada novo começo, cada novo propósito de fidelidade criativa, fazemos o discernimento possível para que a comunidade seja transparência do rosto de Cristo. Depois é o momento da confiança. Felizmente que estes recomeços se dão e que outros recomeços virão.

Pedro Valinho Gomes é teólogo



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

No passado dia 24 de outubro, o Papa Francisco publicou uma nova encíclica que toma por título a afirmação de S. Paulo, Amou-nos, “referindo-se a Cristo (Rm 8, 37), para nos ajudar a descobrir que nada ‘será capaz de nos separar’ do seu amor (Rm 8, 39)” (*Delixit nos*, 1).

O coração, usado como símbolo deste amor, tem uma história longa na espiritualidade cristã. Contudo, com o passar das épocas e de tantas e tão significativas mudanças, sobretudo ao longo do século XX, não estará ele saturado, desgastado e desadequado? Continuará o coração a ser um símbolo pertinente do amor de Deus

Recuperar o Coração, reparar a humanidade

A irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

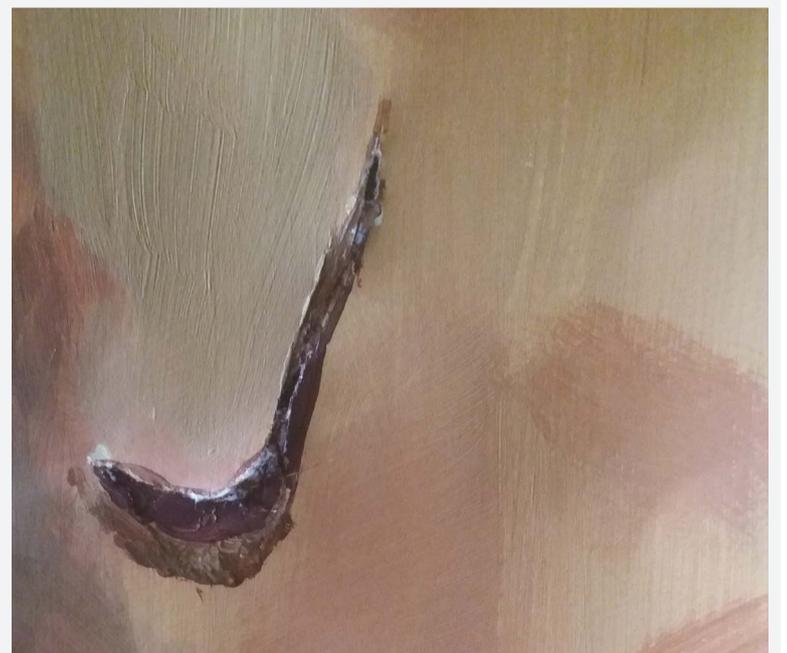
para o nosso tempo?

Herdeiros da Modernidade, que, no seu extremo absolutizou a razão, colhemos as consequências de uma cultura racionalista que valoriza o domínio e a eficiência técnica, a produtividade lucrativa e o tangível, mas secundariza o amor, as relações, os afetos e o sentido profundo da vida que a fé nos aponta, dando lugar a uma cultura “sem coração”, porque sem o Deus anunciado por Cristo, e, portanto, desumana. Por essa mesma razão, Francisco afirma a necessidade de recuperar o coração e, mais do que isso, a densidade de sentido espiritual contida nele quando referido ao Coração de Jesus. Os desafios que o homem contemporâneo atravessa revestem o coração de uma nova pertinência, enquanto antídoto da superficialidade e da brutalidade.

Não seria pouco tomar o coração como representação do afeto. Contudo, no seu

sentido bíblico, o coração é o centro unificador de todas as potências da pessoa, de modo que referir-se ao coração de uma pessoa é referir-se à própria pessoa; referir-se ao coração de Jesus é referir-se a toda a pessoa de Jesus.

Perante uma cultura ferida pela violência da guerra, das ideologias, da corrupção, da busca de prazer e do interesse próprio, a ponto de se tornar incrédula face ao amor, talvez não seja demais ostentar o Coração de Jesus como lugar do amor manifestado na vida doada na cruz; um coração trespassado precisamente pela falta de amor e pelo desejo de amar e, não obstante, um “coração aberto que nos precede e espera incondicionalmente, sem exigir qualquer pré-requisito para nos amar e oferecer a sua amizade” (*Delixit nos*, 1.), onde os sedentos de amor e de perdão, aproximando-se, são saciados de bondade e humanidade. Este coração



ferido e que fere de amor é a máxima expressão das entranhas de misericórdia do Pai por cada pessoa: “O meu coração dá voltas dentro de mim, comovem-se as minhas entranhas” (Os 11, 8).

Este coração, distante do romantismo doce que certas representações possam evocar, diz do amor “forte como a morte” (Ct 8, 6) de que nos

fala a Páscoa.

Se, por algum motivo, já não o pudéssemos dizer com um coração, talvez o dissesse a ferida do lado de Cristo aberta pela lança, por onde entrevemos esse amor “das entranhas” de Deus, por onde ele nos é dado a beber e por onde podemos entrar na sua vida, divina e humanizadora.

VER + A ARTE DO SANTUÁRIO

Coroa Preciosa de Nossa Senhora de Fátima

Casa Leitão & Irmão, Antigos Joalheiros da Coroa, 1942

Ouro, prata, diamantes, esmeraldas rubis, safiras, pérolas, quartzos ametistas, granadas, berilos e vidros; latão (bala)

Inv. n.º 2-JOA.I.1 (coroa); n.º 6-OUT.I.1 (bala)

Oferecida à Virgem de Fátima pelas mulheres de Portugal, em virtude de este País não ter participado na II Guerra Mundial, a coroa preciosa de Nossa Senhora de Fátima resulta da fundição e aproveitamento de peças de ornamentação pessoal configuradas segundo desenho da Casa Leitão & Irmão. Embora oferecida em 1942, só em 1946, terminado o conflito mundial, a Imagem é solenemente coroada pelo legado do papa Pio XII que nesse momento intitula Nossa Senhora de Fátima como rainha da paz e do mundo. Formada por oito imperiais a ligar o diadema ao orbe, a coroa é rematada pela cruz de Cristo, sendo esta ladeada por dois pendentes que, na tradição de outras coroas da História, lhe confere traço de erudição.

A coroa de Nossa Senhora de Fátima, ornada por 2974 gemas, é considerada uma das peças mais valiosas da ourivesaria portuguesa e, pelo facto de em 1989 lhe ter sido encastoadada a bala que atingiu o papa João Paulo II no atentado que sofreu em 1981, peça ímpar do Catolicismo.

A coroa é colocada na Imagem nos dias 13 de maio a outubro e nos dias 15 de agosto (Assunção) e 8 de dezembro (Imaculada Conceição).

Marco Daniel Duarte

COROAMENTO



CRUZ

Fugindo à tradição de as coroas marianas serem rematadas pela pomba do Espírito Santo, a coroa da Virgem de Fátima é encimada pela cruz de Cristo, alongada nas proporções e tomada como elemento do orbe, sublinhando o império de Cristo sobre o mundo.

PENDENTES

Resultado de uma específica oferta, os pendentes na haste horizontal da cruz ligam a coroa de Nossa Senhora de Fátima à tradição morfológica de coroas mais antigas, na erudita tradição que vem já da Antiguidade tardia.

GLOBO

A coroa de Nossa Senhora de Fátima encontra-se rematada pelo tema do 'globus cruciger' ou orbe terrestre encimado pela cruz de Cristo. A cor azul conferida pelas turquesas atribui ao mundo que o globo representa a cor da espiritualidade mariana que convém a uma coroa desta natureza

IMPERIAIS



BALA

Elemento de latão completamente dissonante da restante materialidade, a bala que atingiu o Papa em 13 de maio de 1981 torna-se metáfora de que a Virgem de Fátima se encontra coroada das joias das alegrias e da bala das dores da humanidade. Aquando da decisão, maturada ao longo de vários anos, de introduzir a bala na coroa, verificou-se que, por debaixo do globo, se encontrava um orifício com o preciso diâmetro da bala, o que leva os crentes a assumir que o projétil era a joia que completava a coroa.

VIROLA

Sobre o aro, encontra-se o elemento ornamental que constitui a coroa propriamente dita, desenvolvida pelas oito imperiais fechadas, número que é símbolo da perfeição da humanidade recriada.

DIADEMA

ABAS

Para fazer a ligação da peça à escultura, os ourives criaram duas abas, na documentação também designadas por "orelhas". Ainda que remotamente, não deixam de estabelecer estilizada ligação aos elementos de proteção dos elmos antigos.

“Precisamos de capacidade de escuta para assimilar as diferenças culturais”

Arcebispo de Manaus, entrevistado em Fátima durante a peregrinação de 12 e 13 de outubro, a que presidiu, pede oração pela paz e expressa o Sínodo como o caminho contínuo da Igreja.

João Duarte Mendonça

Qual é a importância da Mensagem de Fátima no mundo em que vivemos?

A mensagem de Fátima é uma mensagem de paz, de conversão e de oração. A paz é profundamente necessária no momento atual. Mas para alcançar a paz é necessária a conversão. É preciso uma conversão para a fraternidade, conversão dos ouvidos. Precisamos de capacidade de escuta para assimilar as diferenças culturais, para podermos seguir Jesus, que abre a possibilidade de Paz: paz na relação entre os povos, na sociedade, na família, e paz dentro de cada um de nós. É importante a oração. A oração é o que leva a relações novas, pois possibilita encontros. A oração é a própria fala dos encontros. Se a oração for um momento de encontro, as comunidades são mais capazes de se ouvir e de viver a fraternidade. É pela oração que pedimos a paz. Esta peregrinação de outubro no Santuário de Fátima é uma oportunidade para pedir a paz. Precisamos mesmo de implorar a paz, porque a paz está em perigo.

Como participante no Sínodo sobre a sinodalidade em Roma, o que destaca nesta Assembleia Sinodal de outubro de 2024?

Todos se sentem livres para dizer o que pensam e isso é realmente importante. Há liberdade para expressar diferentes entendimentos. Há opiniões diferentes sobre a própria Igreja e são assim mesmo os caminhos da sinodalidade. É por aí que o caminho é feito e há diálogo porque existe escuta. Tenho



a esperança de conseguirmos oferecer ao Santo Padre um bom texto, com boas conclusões, para continuarmos o caminho que fazemos desde há três anos.

Como perspectiva a Igreja no futuro com este caminho que se faz no Sínodo?

Espero uma Igreja onde todos participem e onde todos se sintam incluídos. Uma Igreja na qual todos sintam que fazem parte, movidos pelo Evangelho e por Jesus. Uma Igreja com Jesus no centro, animada pela força do Espírito Santo, que se deixe inspirar, que se coloque a caminho, que escute os pobres, que acolha a realidade e que queira transformar essa realidade, para que se torne cada vez mais visível para todos a presença de Deus. Eu penso que vamos conseguir dar os passos, mas alguns passos serão dados no futuro. Eu venho de uma grande experiência sinodal que se colocou a caminho

há 50 anos. Por isso, é fácil para a Igreja da Amazônia compreender a dinâmica da sinodalidade. Precisamos de retomar sempre o caminho para nos sentirmos Igreja.

Qual o contributo do Sínodo da Amazônia para o Sínodo sobre a sinodalidade?

O Sínodo da Amazônia foi longamente preparado. Houve grande participação das comunidades. Muitas dioceses fizeram assembleias, discutiram, elaboraram propostas. Cerca de 100 mil pessoas participaram. Isso é algo extraordinário e mostra um caminho sinodal. Creio que o processo inspirou o Papa Francisco para o Sínodo sobre a sinodalidade. No texto pós-sinodal que o Papa publicou, na exortação apostólica “Querida Amazônia”, há algo que considero fundamental. Quase não se fala sobre isso. Creio que o Papa Francisco nos oferece, nessa exortação, uma compreensão

da totalidade, uma hermenêutica da totalidade. Nela, o Papa fala de quatro sonhos: “um sonho social”, “um sonho cultural”, “um sonho ecológico”, “um sonho eclesial”. Partes de uma totalidade que pede escuta, ação, encarnação e libertação. No atual Sínodo, estamos em escuta. Temos muito presente a escuta, pelo discernimento profundo a partir das comunidades. Pede-se a participação de todos para uma escuta mais inclusiva, mais atenta à palavra de Deus. Favorecemos assim uma maior presença do Espírito Santo, para chegar a determinadas conclusões, para o bem de todos.

No Sínodo em Roma, como faz para garantir a representação das comunidades da Arquidiocese de Manaus?

Eu procuro sublinhar a participação nas questões que a comunidade dizem respeito. Na vida da Arquidiocese de Manaus, as mulheres são

muito presentes e ativas porque têm uma excelente liderança. Na nossa caminhada sinodal em Manaus, as mulheres propuseram, para não dizer que exigiram, mais formação pela Arquidiocese. São decisivas na animação e no progresso das comunidades. As mulheres são catequistas, líderes, ministras da palavra, ministras da Eucaristia e revelam bom preparo. As mulheres possibilitam que as nossas comunidades continuem e evoluam e talvez o Sínodo deva ter isso em consideração. Principalmente nas comunidades distantes, que não têm presença da Eucaristia por não terem ministros ordenados, que possam presidir a celebrações eucarísticas. A comunidade precisa de orar e de celebrar a fé. Nessas comunidades os leigos exercem funções muito importantes e, na Arquidiocese de Manaus, esses leigos são especialmente as mulheres. No Sínodo, três bispos africanos falaram de comunidades eclesiais de base e sobretudo das pequenas comunidades, que escutam e vivem a palavra de Deus, reúnem-se, cantam, rezam. Discutem a comunidade. Como está a educação? Como estão os doentes? Como viver a fé? Vi realidades da Arquidiocese nesses irmãos.

Quais são os maiores desafios sociais, políticos e eclesiais no território da Arquidiocese de Manaus?

Há muita pobreza na periferia da cidade de Manaus. Temos um grande número de pessoas a viver nas ruas que procuramos acolher e acompanhar, com a Cáritas da Arquidiocese. O meio am-

“Olhemos bem para a imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Está inclinada. É uma imagem inclinada para quem a olha. O que podemos aprender?”

CARDEAL D. LEONARDO STEINER

biente aflige muito pelo desmatamento muito grande que acontece na própria cidade de Manaus. Destroem a mata para construir pequenas casas, de maneira desordenada. É preocupante a diminuição da população do interior. Dos cerca de 4 milhões de habitantes no estado do Amazonas mais de 2 milhões vivem em Manaus, ou seja, mais de metade da população do estado mora em Manaus. A saúde, que não funciona, é um outro grande desafio. Na educação, pensamos como podemos estar mais presentes.

E na política? Como podemos atuar (não em termos partidários porque não faz sentido) mas para que os candidatos possam servir a comunidade e não o benefício próprio? Como pode a Igreja trabalhar para que os candidatos tenham um senso político do bem comum? Imperam grupos que se autobeneficiam. Há muita divisão ideológica. No Brasil há grupos completamente liberais que pensam que se vence a violência com violência. Na política de hoje a palavra é violência. No caminho sinodal da Arquidiocese é fundamental que sejamos mais atuantes na formação política. É urgente que o façamos porque a política é muito importante. A democracia não vive sem política. Facilmente a democracia cai numa ditadura, ou ideológica ou partidária.

O acompanhamento dos povos indígenas é outra questão difícil. Como ser presença para que os indígenas não percam a cultura, a língua, a religiosidade? Temos um grupo em contacto com grupos de indígenas para, com eles, criar uma paróquia indígena e acolher as questões culturais,

seja na Liturgia, seja na iniciação da vida cristã.

Que mensagem deixaria à comunidade de brasileiros em Portugal?

Aconselharia os brasileiros a procurarem uma boa integração. Nós, brasileiros, ao chegar à casa dos outros, devemos entrar com respeito, com reverência e com vontade de ajudar para, dessa forma, podermos receber o que essa casa nos oferece. Eu diria aos brasileiros que não imponham, mas sim que ofereçam o que trazem aos portugueses. Não é fácil, como não foi fácil para os indígenas do Brasil receber os portugueses. É complexa a adaptação cultural, porque exige abertura, entendimento, acolhimento. Eu próprio o senti ao chegar a Manaus. Vinha de fora, do sul do Brasil, de uma outra realidade, uma outra cultura, ainda que já tenha conhecido outras realidades no mundo inteiro.

Para quem recebe é muito importante cultivar uma sensibilidade de acolhimento. Se há acolhimento é mais fácil a integração. Mais facilmente o outro se sente em casa. Há duas palavras fundamentais do Papa Francisco num dos belíssimos textos sobre as migrações: “acolher” e “inserir”.

A Igreja na Europa existe perante uma sociedade cada vez mais secularizada. Como pode a Igreja estar mais presente na comunidade, como sucede na Amazónia?

No sul do Brasil isso também sucede. O filósofo Nietzsche dizia que o deserto avança. Nietzsche dizia isso jus-

tamente pela questão da ausência de Deus, quando Deus não está implicado no indivíduo, nas relações, nas ideias. Porém, Deus está sempre presente. Ainda que na cultura atual tentem viver como se Deus não existisse, Deus é sempre presença. A Igreja tem a graça de saber que Deus está presente e pode ir dando sinais da sua presença. Esta é uma questão muito importante. No deserto, como podemos tornar Deus presente? No modo de receber estrangeiros? De cuidar dos pobres? De acolher os idosos? De indicar um futuro para as nossas crianças? Para os nossos jovens? Devemos

mostrar, no quotidiano, o que São Pedro refere como “dar razões de fé”. Pode acontecer no diálogo, na palavra, mas eu creio que há maior eficácia nos gestos, nas ações e nas relações. Em alguns países europeus, a pouco e pouco, há um número crescente de batizados adultos. Observo essa tendência também em Manaus. Ao falar com um desses irmãos, ele disse-me: “vi que na comunidade há um cuidado com os pobres”. Um outro com quem conversei, um professor bem formado num país europeu, disse que, ao acompanhar a esposa num encontro católico, percebeu que ali exis-

tia alegria e que não havia distinção entre uns e outros. Na conversa, percebi que era uma comunidade católica praticamente toda composta por imigrantes. Pode ocorrer assim a atração para a Igreja Católica. A questão da ausência de Deus talvez só precise dos nossos gestos e das nossas atitudes para que a presença de Deus se torne óbvia perante o nosso olhar, no nosso quotidiano. Mas para aí chegarmos é importante a misericórdia, tanto espiritual como concreta.

Esta entrevista acontece no dia de Nossa Senhora de Aparecida no Brasil, na véspera de 13 de outubro, dia em que se celebra, em Portugal, a sexta aparição de Nossa Senhora. O que lhe ocorre dizer?

É sempre Nossa Senhora. Em Guadalupe, no México, é incrível. Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará, no Brasil, é algo extraordinário! É sempre a Mãe de Jesus. E é a nossa Mãe. Em Aparecida eu gosto de ir e olhar os peregrinos que passam em frente da imagem de Nossa Senhora. Parece que tocam na imagem no modo como olham, no modo como rezam. Diante de Nossa Senhora todos se sentem bem: “Eis aqui a tua Mãe”. Sentem-se acolhidos, como filhos. Mais do que uma multidão, são sempre os filhos e filhas que buscam a Mãe, que confiam na Mãe. Por isso, há abertura para falar de uma aflição, de uma dor, de uma necessidade. Olhemos bem para a imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Está inclinada. É uma imagem inclinada para quem a olha. O que podemos aprender?



O Papa que sobreviveu para viver Fátima como missão

A 22 de outubro, a Igreja celebra a festa litúrgica de São João Paulo II, o Papa cuja vida e pontificado estão profundamente ligados a

Fátima e à sua mensagem, num vínculo sustentado pelo curso da História do século XX e pela fé daquele que, até hoje, continua a ser o primeiro Sumo Pontífice a vir por três vezes à Cova da Iria.

A ocasião

convida-nos a recordar os dias em que esteve no Santuário, pela memória daqueles que estiveram perto do Papa que hoje é santo.

Um Papa do mundo

Karol Józef Wojtyła nasceu na Polónia em 1920. Órfão de mãe e pai desde muito cedo, viveu, na sua juventude, a dura realidade de uma II Guerra Mundial que consolidou os regimes comunistas no leste da Europa, nomeadamente no seu país natal.

Os tempos de provação que, então, experimentou fortaleceram a sua fé e cimentaram a sua determinação no caminho sacerdotal, num percurso vocacional que, em apenas três décadas, o levou até à Cátedra de Pedro.

Karol Wojtyła foi ordenado presbítero em 1946, bispo em 1958, feito cardeal em 1967 e, a 22 de outubro de 1978, tornou-se no primeiro Papa não italiano em 455 anos. É precisamente na data da sua entronização papal que a Igreja celebra a sua memória.

O seu pontificado viria a ser marcado por uma presença carismática e aberta ao mundo, aliada a uma defesa intransigente dos direitos humanos e da dignidade da pessoa. No cumprimento desta demanda, viajou apostolicamente pelo mundo, afirmando uma presença pontifícia sem precedentes, até então.

Três dessas viagens tiveram como destino Portugal e o Santuário de Fátima,

onde fez questão de estar sempre no simbólico dia 13 de maio, primeiro em 1982, depois em 1991 e, por fim, em 2000.

Um Papa mariano

A devoção de João Paulo II a Nossa Senhora foi, desde logo, assumida no seu braço pontifício, onde solicitou que fosse representado o manto azul da Virgem Maria e a letra M. Sobrassem dúvidas sobre esta fé na Intercessora da humanidade e o lema escolhido dissipava-as por completo. A divisa “Todo Teu”, do latim “Totus Tuus”, inspirada na espiritualidade mariana, desenvolvida por São Luís Maria Grignion de Montfort, evidenciava a plena confiança na Mãe de Deus, sob cuja proteção entregou o seu ministério.

Quatro anos passados desde a sua entronização, esta ligação a Nossa Senhora viria a ganhar um novo sentido, quando, a 13 de maio de 1981, ao entrar na Praça de São Pedro para a habitual audiência pública, é baleado por um militante ultranacionalista, numa declarada tentativa de assassinato que o deixou entre a vida e a morte.

O facto de o atentado ter acontecido na mesma data do aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria não passou despercebido ao Sumo Pontífice, que, a partir desta experiência, estreitou a sua ligação com Fátima e aprofundou a sua atenção à mensagem que Nossa Senhora ali deixara em 1917.

Esta consciência foi reavivada logo na sua primeira visita à Cova da Iria, um ano após o atentado.

O Papa de Fátima

A primeira vinda de João Paulo II a Fátima, a 13 de maio de 1982, aconteceu so-

bretudo como uma oportunidade para dar graças por ter sobrevivido à tentativa de assassinato de que fora alvo. Esta intenção, trazida aos pés da Virgem Maria, viria a materializar-se dois anos depois, quando decidiu oferecer ao Santuário de Fátima a bala que o feriu no atentado, como forma de gratidão a Nossa Senhora.

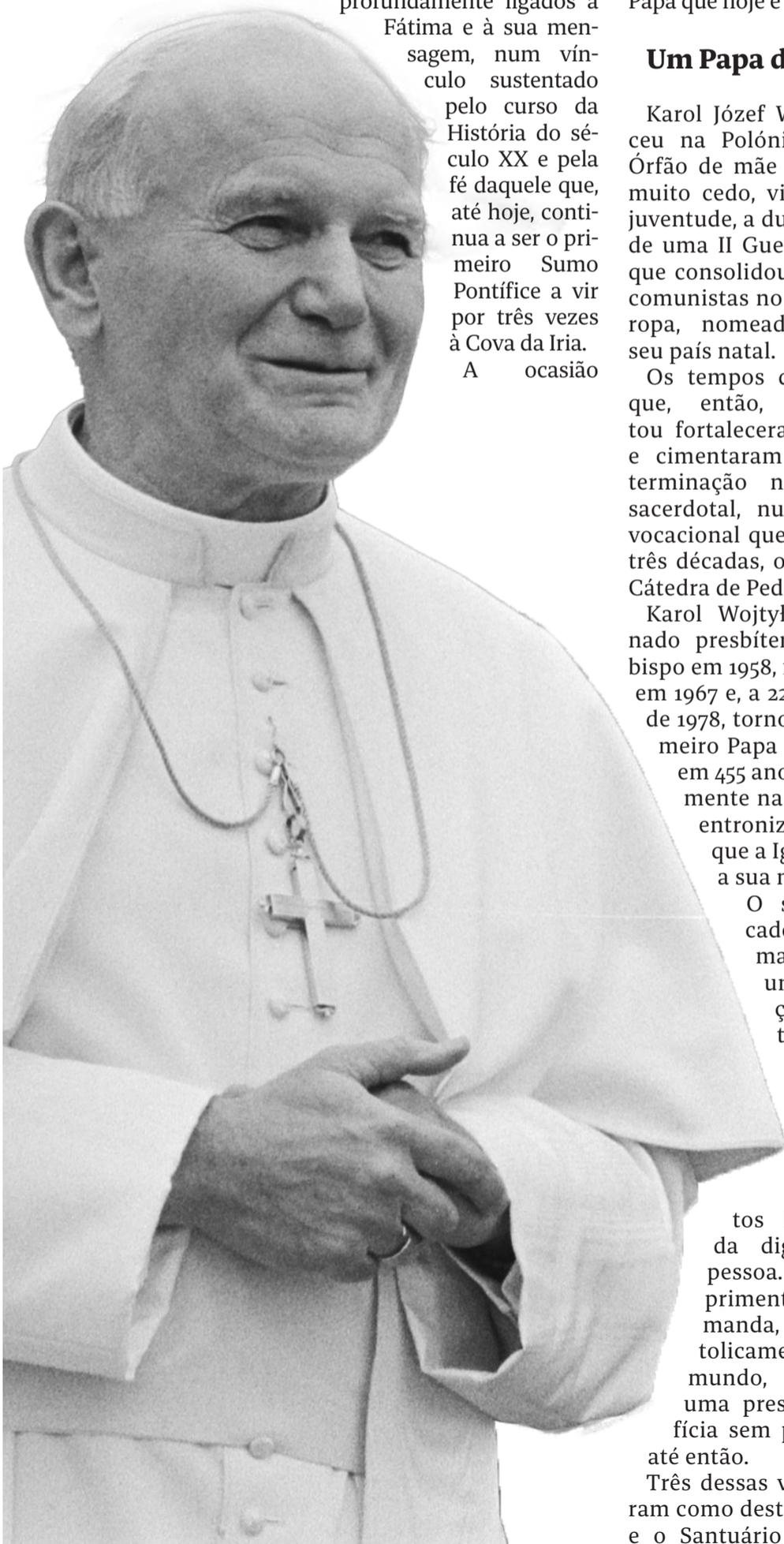
A oferta foi confiada, pessoalmente, ao então bispo de Leiria-Fátima, D. Alberto Cosme do Amaral, e a monsenhor Luciano Guerra, à data, reitor do Santuário de Fátima. Concretizou-se após a consagração do mundo a Nossa Senhora que João Paulo II quis repetir em Roma, a 26 de março de 1984, diante da imagem da Virgem de Fátima, levada a Roma propositalmente, já depois de o ter feito a 13 de outubro de 1982, na Cova da Iria.

Cinco anos depois, a simbólica oferta viria a ser incrustada no topo inferior da coroa preciosa da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, numa decisão que reforçou os laços entre a Cátedra de Pedro e a Mensagem de Fátima.

O Papa do sorriso

Nove anos depois da primeira visita, João Paulo II regressava à Cova da Iria, num contexto histórico marcado pela queda do Muro de Berlim e o colapso do regime comunista na Europa de Leste. Foi a alegria e a gratidão por esta nova esperança que João Paulo II trouxe como especial intenção nesta sua segunda visita a Fátima, a 12 e 13 de maio de 1991.

O Papa de origem polaca, que tanto lutara pela liberdade religiosa e pelos direitos humanos, lia esta mudança histórica à luz do cumprimento das promessas deixadas nas Aparições de 1917, estabelecendo assim uma ligação entre a



No dia que a Igreja celebra São João Paulo II, recordamos as três vezes que esteve em Fátima, pela memória daqueles que o serviram.

Diogo Carvalho Alves

mensagem de Fátima e a contemporaneidade.

Em 1991, César Vicente e Luís Ferreira tinham cerca de 20 anos e integravam o Grupo de Acólitos do Santuário. Foi nesta função que tiveram a oportunidade de estar bem perto do Papa que os inspirava já desde crianças.

“Admirávamos a força deste homem pela sua capacidade de enfrentar os problemas e de mover as pessoas, indo ao seu encontro em todas as partes do mundo”, assume César Vicente.

Ambos descrevem uma aura carismática, concretizada numa presença próxima e, sobretudo, num olhar grato, fraterno e profundo.

“Parecia que nos estava a olhar a alma”, descreve Luís Ferreira, ao interpretar esta característica como um sinal de uma santidade que viria a ser confirmada anos mais tarde.

Naquele dia 13 de maio de 1991, o privilégio de servir no Santuário aliou-se à honra de poder receber tão ilustre figura da Igreja e do mundo. Aguardaram a chegada de João Paulo II à Capelinha das Aparições perfilados em frente ao monumento ao Sagrado Coração de Jesus. Foi ali que o Papa cumprimentou o grupo de acólitos que o iriam auxiliar durante as celebrações (foto acima).

“Estávamos tão felizes e maravilhados por ali estar que a maioria bloqueou, no momento de o cumprimentar. Lembro-me de que lhe dei as duas mãos e acabei por não conseguir dizer nada. Mas o sorriso que nos deu em resposta transmitiu-nos a confiança para a responsabilidade que ali fomos assumir”, conta César Vicente.

O Papa dos Pastorinhos

Na década de 1990, era hábito os seminaristas de Leiria-Fátima acolitarem nas

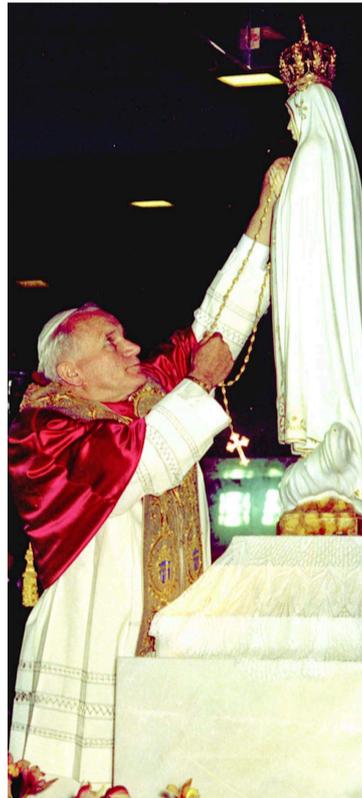


grandes peregrinações, mas o 12 e 13 de maio de 1991 tinha um presidente que tornava o serviço prestado ainda mais especial. O padre Francisco Pereira tinha então 21 anos, encontrava-se a meio do percurso do Seminário Maior e também pôde conhecer de perto o Papa.

“Depois daquela ansiedade inicial, percebê-lo como era, muito próximo, isso sensibilizou-me muito”, começa por revelar o sacerdote, que viveu o seu percurso vocacional também sob a inspiração do pensamento de João Paulo II.

“Entre no seminário precisamente no ano em que ele veio a Fátima pela primeira vez e lembro-me de, na minha formação, um dos livros mais usados para meditar ser um compêndio dos discursos que o Santo Padre fez em Portugal, em 1982”, conta, destacando a abertura ao mundo e à cultura que caracterizou o pontificado de João Paulo II.

“Esta abertura e este desejo de querer estar perto das pessoas determinou a forma de fazer pastoral dos padres da minha geração e ajudou-me a ser o padre que



sou hoje”, confessa.

Talvez tenha sido a disposição para estar junto das pessoas que, no ano 2000, já ordenado sacerdote, o fez optar por viver a derradeira vinda de João Paulo II a Fátima no meio da assembleia de peregrinos. No dia 13 de maio desse ano, deslocou-se à Cova da Iria com a família e posicionou-se no espaço que habitualmente assumiam no Recinto de Oração, entre a Capelinha e a azinheira grande. Foi dali que tirou uma foto que poderia sintetizar a missão que o Papa trouxe a Fátima: a beatificação de Francisco e Jacinta Marto.

A foto mostra o exato momento em que os retratos dos Pastorinhos são revelados na fachada da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, logo a após o ato que tornou beatas as duas crianças, missão esta que foi, para o agora capelão do Santuário, uma prova de amor do Santo Padre aos Pastorinhos.

“Veio já muito fragilizado, mas mesmo assim quis vir afirmar a importância destas duas crianças, deixando para a posteridade uma



frase que se tornou refrão da pastoral ligada à vida dos Pastorinhos”, recorda o padre Francisco Pereira, referindo-se a uma citação da homilia.

O Papa da esperança

Na última presença em Fátima, a doença que acometeu João Paulo II já debilitava seriamente a sua ação motora, uma dificuldade que se tornava ainda mais evidente para quem o acompanhou de perto.

“Apesar das limitações físicas, a doença não lhe retirou aquele olhar profundo, olhos nos olhos, nem mesmo o discernimento, e continuava a ter a força da referência que era”, garante Luís Ferreira, ao fazer uma leitura do sofrimento evidente com que o Papa se deparava, cinco anos antes do seu falecimento.

“Interpreto esta persistência como uma forma de querer levar a sua missão até ao fim, apesar do sofrimento. Foi, sem dúvida, um exemplo”.

“Via-se que estava a sofrer, mas quis ir até ao fim, e isso

é de louvar. Afinal, também é preciso sofrer para ser santo”, acrescenta César Vicente.

Para o padre Francisco Pereira é a “firmeza carinhosa na luta contra a opressão” o traço de santidade que mais se destaca na personalidade do Papa que hoje é venerado por toda a Igreja.

“Ele pegou na Igreja numa época transformadora e conduziu-a rumo ao século XXI, num dinamismo que procurou corresponder às ansias da modernidade e que foi herdado também pelos seus sucessores”, interpreta o sacerdote.

Quase um quarto de século volvido desde a última presença de João Paulo II na Cova da Iria, a marca da sua ligação com Fátima continua viva em muitas referências materiais, das quais se destacam uma estátua, no topo do Recinto de Oração, a batina ensanguentada que o próprio tinha vestida no dia do atentado de 13 de maio de 1981 — e que pode ser vista na exposição permanente —, e a bala que o trespassou naquele trágico dia, que é hoje a joia mais preciosa da coroa da Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Aqueles que o acompanharam de perto nas duas últimas presenças na Cova da Iria não têm dúvidas em classificar este projétil como a referência material que melhor define a estreita ligação de João Paulo II a Fátima, uma escolha justificada pelas palavras que o seu sucessor deixou aos pés da Virgem, em 2010.

“No final de tudo, esta bala simboliza o sofrimento do Papa e da humanidade, mas também a esperança”, conclui o capelão do Santuário de Fátima.

O Papa João Paulo II faleceu em Roma no dia 2 de abril de 2005, encerrando um pontificado de mais de 26 anos. Foi beatificado a 1 de maio de 2011 e canonizado a 27 de abril de 2014.

Ano pastoral arranca com Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Lapa

Estiveram representadas várias paróquias da diocese e a eucaristia foi presidida pelo assistente nacional do MMF, padre Daniel Mendes.

Secretariado Diocesano de Lamego



O início do Ano Pastoral do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) da Diocese de Lamego ocorreu a 12 de outubro, com a Peregrinação Diocesana ao Santuário de Nossa Senhora da Lapa.

Estiveram representadas várias paróquias da diocese, com a presença dos seus párocos.

A eucaristia foi presidida pelo assistente nacional do MMF, padre Daniel Mendes, que neste Ano Santo, em união com toda a Igreja, convidou todos os presentes a serem Peregrinos de Esperança, levando e transmitindo uma mensagem de confiança, envolvendo o outro nesta caminhada sinodal.

Ao assistente diocesano cessante, padre Diogo Rodrigues, o nosso agradecimento pela dedicação, e ao assis-

tente indigitado, padre José Soares, as maiores felicitações para este nobre desafio.

O Secretariado Diocesano agradece a todos os mensageiros, familiares e amigos que conosco agradeceram e louvaram a Mãe do Céu, bem como aqueles que de forma mais ativa se envolveram e tornaram este dia tão especial.

Ao Santuário de Nossa Senhora da Lapa, na pessoa do seu reitor, padre Carlos Caria, o nosso agradecimento, pelo carinho e acolhimento que sempre tiveram para com o MMF. A todos os senhores padres que se juntaram à peregrinação, muito obrigado.

A todos os mensageiros presentes o nosso bem-haja e que a Nossa Senhora a todos cubra de bênçãos.

Portalegre-Castelo Branco viveu dia diocesano sob o tema “Peregrinos de Esperança”

O dia foi preenchido com atividades que reforçaram a mensagem de Fátima e inspiraram participantes a serem “peregrinos de esperança”.

Secretariado Diocesano de Portalegre-Castelo Branco



Realizou-se, no dia 21 de setembro de 2024, o dia diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) da Diocese de Portalegre-Castelo Branco, no salão paroquial da Igreja de S. Tiago, em Castelo Branco.

Este dia contou com a presença do bispo da Diocese, D. Antonino Dias, o presidente do MMF, Filipe Ferreira, e cerca de oito dezenas de participantes que acorreram de diversos pontos da Diocese.

O programa iniciou com o acolhimento, seguido da eucaristia, presidida por D. Antonino e os concelebrantes padre Domingos e os diáconos Alfredo Serra e Francisco Alves. Após a saudação da presidente diocesana, Deolinda Taborda, o assistente diocesano fez uma breve alocução alusiva ao tema “Peregrinos de Esperança”.

Seguidamente, D. Antonino proferiu uma conferência, clara e elucidativa, sobre a mensagem de Fátima, sinal de esperança, com incursão pelas visões e aparições de Nossa Senhora ao longo dos tempos e o papel da Igreja no seu reconhecimento. D. Antonino referiu-se às revelações particulares feitas por Nossa Senhora aos videntes, com esclarecimento de que

as mesmas são autênticas se a mensagem estiver em concordância com a Palavra do Evangelho, como acontece com a mensagem de Fátima. Mais foi salientado que Nossa Senhora vem, como mensageira, trazer a Palavra de Deus. D. Antonino realçou que para se fazer o caminho de “peregrino de esperança” à luz da mensagem de Fátima é fundamental ter presente os apelos à oração, à penitência e à conversão, a exemplo dos três Pastorinhos: viver a devoção ao rosário, na recitação diária do terço pela paz, pelas almas do purgatório e pela conversão dos pecadores, a vivência reparadora dos cinco primeiros sábados e a devoção ao Imaculado Coração de Maria, tão difundida pela Irmã Lúcia. É preciso fazer e pertencer à “Escola de Maria”, cooperando no projeto de salvação. Ao meio-dia rezou-se o *Angelus*.

No período da tarde, o presidente nacional centrou a sua comunicação sobre o tema “Peregrinos de Esperança” no carisma da mensagem de Fátima, com o foco na condição de vida para “ser santo”. Filipe Ferreira fez o paralelismo do caminho dos discípulos de Emaús com o “ser mensageiro” de Fátima.

Nesta abordagem, centrou-se nas vidas dos Três Pastorinhos e nos seus respetivos caminhos para a santidade, não por terem visto Nossa Senhora, mas pela resposta dada aos apelos do Anjo e de Nossa Senhora.

Em seguida, relataram-se vivências de peregrinos a pé ao Santuário de Fátima, com testemunhos de adultos e de jovens mensageiros do MMF. Neste quadro, foram descritas experiências, sensações de quem faz o caminho a pé e a grande emoção de quem vive a chegada ao Santuário.

O diácono Alfredo Serra encerrou os trabalhos com uma breve alusão ao que é “ser peregrino, o que é peregrinar e o que define a peregrinação”, dando a conhecer de forma sumária o trabalho pastoral e de apoio ao peregrino a pé a Fátima que tem vindo a ser feito, tanto na prestação de cuidados, em conjunto com a Cruz Vermelha, como na formação e assistência espiritual aos peregrinos.

No culminar do dia, o assistente diocesano do MMF concluiu com satisfação pela oportunidade de difusão da mensagem de Fátima para que cada um possa e ajude outros a serem “peregrinos de esperança”.

Boletim anual do MMF já está disponível

O boletim pode ser adquirido diretamente no Secretariado Nacional, em Fátima, ou nos secretariados diocesanos.

Secretariado Nacional do MMF



Este Ano Pastoral de 2024-2025 tem como tema “Peregrinos de Esperança”. Com ele, somos desafiados à vivência sinodal, num ano que será marcado pela experiência jubilar e pelo dinamismo da evangelização.

Enquanto mensageiros, façamos deste ano pastoral uma verdadeira peregrinação de esperança e fé, para vivermos e anunciarmos a mensagem de Fátima, irradiando a luz de Cristo no mundo como autênticos discípulos missionários, mensageiros da esperança.

O boletim anual é um subsídio de apoio aos trabalhos pastorais desenvolvidos por todos os mensageiros, no

qual são disponibilizadas doze reflexões para encontros mensais de oração, formação e partilha.

O boletim tem o custo de venda ao público de 5,00 € e pode ser adquirido diretamente no Secretariado Nacional, em Fátima, ou nos secretariados diocesanos. Caso não tenham disponibilidade de o adquirir diretamente nos secretariados diocesanos e façam a encomenda através do Secretariado Nacional, acresce o custo dos portes de envio via CTT.

Para encomendar, basta enviar mensagem para o endereço secretariadonacional@mmfatima.pt.

“Ir a Fátima é deixar-se transformar pelo amor”

Enfermeira Maria do Livramento Melo partilha experiência no acompanhamento de doentes, no retiro de Angra e Lamego.

Secretariado Nacional do MMF



Decorreu entre os dias 12 e 15 de setembro, na Casa de Nossa Senhora das Dores, no Santuário de Fátima, o retiro de doentes das dioceses de Angra e Lamego. Entre elementos da equipa médica, voluntários diocesanos e Servitas estiveram presentes 49 participantes.

A enfermeira Maria do Livramento Melo participou no encontro e partilha, na primeira pessoa, o que viveu naqueles dias de retiro.

Ir a Fátima é deixar-se transformar pelo amor, colocar-se ao serviço, olhando ao redor e ajudando os mais necessitados, tornando, assim, visível o amor de Nossa Senhora pela humanidade peregrina, que caminha sem rumo, sozinha, muitas vezes sem um norte, sem saber fazer uma pausa na vida para refletir.

Acompanhar os doentes a Fátima é, para mim, um encontro pessoal com a nossa Mãe, de onde saio sempre mais fortalecida, mais rica, porque aprendo com todos. Fui educada na fé católica, com uns pais muito devotos a Nossa Senhora. Minha mãe afirmava com frequência: “nunca se sentirão sós, porque Nossa Senhora é o colo da Mãe que a todos acolhe, sem distinção, nem condição...”. Das várias vezes que ali acompanhei doentes em

retiro, sempre me surpreendi pela positiva. Cada encontro é diferente do anterior, trazendo-me sempre uma imensa paz, alegria contagiante, mais e mais amor, para seguir o meu propósito de vida: amar sem medida todos aqueles que por mim passam.

É sempre um momento de agradecer, sim, porque tenho sempre mais a agradecer do que a pedir, mas sem dúvida rezo sempre pelos meus, pelos que me pediram e pelos que lá encontro. Regresso de alma cheia, com as baterias recarregadas, porque fiz uma pausa, de tudo, para me dedicar aos que precisam e ao retiro em si.

Este ano, foi ainda mais especial. No grupo havia um casal que iria celebrar as suas bodas de ouro. Pretendiam apenas benzer as suas alianças e oferecerem 50 rosas a Nossa Senhora. A decisão da equipa de voluntários foi ser “família mensageira” e prontamente o padre Francisco, orientador espiritual nestes dias, disponibilizou-se a incluir a celebração na eucaristia. Não faltaram o fotógrafo para registar o momento nem o bolo para a partilha fraterna. Foi um momento incrível porque vi estampado no rosto daquele casal um olhar feliz. Dizia ela com alguma emoção: “superou as

minhas expectativas; foi um momento lindo; não poderia ter sido melhor; rodeado de gente linda; estou muito feliz e agradecida; não tenho palavras!”. O marido afirmava emocionado: “se morresse hoje, morreria feliz; foi tão bonito; não sei o que dizer; uma grande surpresa!”.

Vê-los felizes deu renovado sentido a esta iniciativa do Movimento da Mensagem de Fátima em parceria com o Santuário e os Servitas. Confesso que fiz um esforço para não deixar as lágrimas caírem. Fomos a família, a companhia que já não têm. Os testemunhos poderiam ser vários, pois foi visível a transformação em cada rosto. Levo no coração e mente o propósito de fazer de cada obstáculo uma nova oportunidade. O melhor exemplo que já vi de como podemos superar um obstáculo é o de um rio que, encontrando uma montanha em seu percurso, não tenta ir além, passando por cima, mas a contorna e segue o seu caminho. Acrescento que, aqui, a oração é fundamental para fazermos a escolha do caminho certo. Por tudo o que vivi e aprendi, a minha profunda e sincera gratidão, porque sem o grupo não teria sido possível. A todos um grande bem-haja. Abraço em Cristo e sempre com Maria por perto.

Santuário e Católica assinam protocolo para aprofundar evento de Fátima

A criação de uma cátedra de Estudos de Fátima, a instituição de um prémio internacional e a promoção de uma summer school são alguns dos aspetos relevantes do protocolo.

Patrícia Duarte



O Santuário de Fátima e a Universidade Católica Portuguesa celebraram um protocolo de cooperação, no dia 14 de outubro, com vista ao aprofundamento da investigação e do estudo do evento de Fátima nas suas diversas dimensões.

Assinado nas instalações da Universidade, em Lisboa, pelo reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, e pela reitora da UCP, Isabel Capelo Gil, o protocolo prevê várias áreas de intervenção. Uma das mais relevantes é a criação da “Cátedra Estudos de Fátima: Religião e Sociedade”, cuja direção será paritariamente partilhada entre a UCP e o Santuário e a partir da qual se desenvolverão projetos sobre Fátima.

Outro aspeto significativo previsto no documento é a instituição de um “Prémio Internacional Santuário de Fátima/Universidade Católica Portuguesa”, a atribuir em cada ano. A distinção abrange os graus de ensino de doutoramento e mestrado, nos domínios científicos das Ciências Sociais e das Humanidades.

A cooperação agora for-

malizada prevê ainda a promoção de um curso sobre Fátima, em formato *e-learning*, com o objetivo de promover a leitura científica do fenómeno, atingindo formandos à escala internacional.

No âmbito deste protocolo está igualmente prevista a promoção de uma *summer school* internacional sobre Fátima, a decorrer no Santuário. Pensada para alunos universitários de diferentes nacionalidades, incidirá sobre as dinâmicas sociais e religiosas nas sociedades contemporâneas, com particular acentuação na Mariologia.

Uma relação profícua de há longa data

O protocolo assinado vem dar continuidade a uma relação antiga entre o Santuário de Fátima e a Universidade Católica Portuguesa.

Esse aspeto foi realçado pelo padre Carlos Cabecinhas, ao elencar os vários momentos em que a cooperação se estabeleceu e que “tem sido frutuosa e rica”.

É disso exemplo a publicação da “Documentação Crítica de Fátima”, iniciada em 1992 e concluída em 2013; a realização de congressos internacionais; a colaboração em múltiplos aspetos, no contexto da celebração do Centenário das Aparições e a conservação e restauro de património, nomeadamente da imagem da Virgem Peregrina que viajou até ao Panamá aquando da Jornada Mundial da Juventude de 2019.

“É minha convicção de que daqui resultarão ótimos frutos quer para a UCP quer para o Santuário de Fátima”, sublinhou o reitor do Santuário. Também Isabel Capelo Gil sublinhou a união entre as duas instituições num propósito comum.

Os diversos aspetos que constam do protocolo serão, posteriormente, objeto de regulamentos específicos em ordem à sua implementação e concretização.

A sessão na Universidade Católica terminou com a conferência “Guerra e Paz no Século e na Mensagem de Fátima”, pelo historiador e professor José Miguel Sardica.



Tributo à Virgem Maria em concerto de música sacra do barroco italiano

A Basílica de Nossa Senhora do Rosário acolheu um concerto de tributo à Virgem Maria, na tarde de 20 de outubro, integrado no ciclo “Ecos de Fátima”. A devoção mariana na música sacra do barroco italiano do século XVII foi revisitada pelo *Ludovice Ensemble*, sob o título “Coroada de Rosas”.

A formação musical apresentou-se em Fátima com Fernando Miguel Jalôto (direção e órgão), Eduarda Melo e Raquel Mendes (sopranos), André Lacerda e Fernando Guimarães (tenores), Hugo Oliveira (barítono), César Nogueira e Ana Carvalho (violinos barrocos), Diana Vinagre (violoncelo barroco).



Crianças rezaram o terço na Capelinha das Aparições pela paz no mundo

A Capelinha das Aparições foi, no dia 18 de outubro, local significativo da iniciativa mundial da Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre (AIS), que uniu mais de 1 milhão de crianças em oração pela paz, em mais de 150 países.

“Estivemos aqui a lutar pela paz”, declarou o cardeal D. António Marto que presidiu à recitação do rosário. Dirigindo-se às 140 crianças presentes na Capelinha sublinhou: “Não lutamos com as armas que matam, lutamos com as armas do espírito, as armas espirituais da nossa oração para que a misericórdia de Deus desça sempre sobre este mundo tão ferido e tão cheio de feridas”.



Mais de 400 mil pessoas visitaram a exposição “Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória

Mais de 400 mil pessoas visitaram a exposição “*Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória*” que, durante dois anos, esteve patente no *Convivium* de Santo Agostinho.

As portas encerraram no dia 15 de outubro, mas o espaço está já a ser preparado para acolher a exposição temporária “*Servir – a única pregação*”, comemorativa do centenário da Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima. Com inauguração marcada para 30 de novembro, vai poder ser visitada até 15 de outubro de 2025.

Virgem Peregrina levou sopro de esperança ao povo venezuelano

Peregrinação aconteceu pelas mãos de um grupo de jovens de Leiria-Fátima.

Diogo Carvalho Alves



Entre 23 de agosto e 8 de setembro, a Venezuela recebeu pela terceira vez a visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, uma peregrinação que percorreu 12 estados do país e mobilizou milhares de fiéis.

Esta terceira presença da Virgem Peregrina naquele país — depois de uma presença em 1955 e em 2017 — foi organizada a pedido de D. José Barrios, bispo da diocese de El Tigre, e aconteceu um ano após a presença de uma delegação venezuelana nas paróquias de Coimbrão e Monte Redondo, da Diocese de Leiria-Fátima, por ocasião da jornada Mundial da Juventude de Lisboa (JMJ 2023).

A Imagem foi levada pelo pároco de Monte Redondo e do Coimbrão, padre Orlando Bom, e por um grupo de jovens daquelas paróquias.

“Fomos ser jovens peregrinos do mundo, como nos pediu o Papa Francisco. Tal como Maria, ‘partimos apressadamente’, pondo em prática o lema da JMJ 2023”, escreve a jovem peregrina Mariana Branco, que integrou a comitiva portuguesa, num relato em jeito de diário

partilhado com o Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima.

A partilha descreve que, em todas as cidades por onde passou, desde Caracas até Miranda, Mérida e Zulia, a Imagem Peregrina foi recebida com procissões, missas e atos públicos de devoção. Para muitos, a oportunidade de ver e rezar diante da Imagem Peregrina foi uma bênção, num país que enfrenta graves dificuldades económicas, sociais e políticas.

“Fomos recebidos em romaria! As pessoas tinham saído à rua para olhar, rezar, pedir, agradecer a Nossa Senhora. Queriam saber quem eram os peregrinos que se atreviam, neste gesto de generosidade para com a sua gente, sair do seu conforto para lhes trazer a Esperança”, relata Mariana Branco.

A peregrinação atravessou alguns dos estados mais afetados pela crise, onde a escassez de recursos e a insegurança fazem parte do quotidiano.

“Numa sociedade ocidental, onde parece que ter fé e ser jovem são dois conceitos que se chocam numa

aparente incompatibilidade em parte incompreensível, é difícil explicar a devoção de milhares de jovens, de milhares de pessoas, que inundaram as ruas das dezenas de cidades por onde passámos para caminhar com a Imagem Peregrina, nem que fosse por dois minutos”.

A peregrinação também levou a Virgem Peregrina a comunidades indígenas e regiões remotas, onde as desigualdades sociais são mais evidentes. Nestes locais, a presença da Imagem foi particularmente simbólica, representando um alento espiritual em resposta às dificuldades extremas vividas pelas populações.

A peregrinação não foi isenta de dificuldades logísticas, com a comitiva a enfrentar longas viagens de autocarro, controlos policiais frequentes e condições precárias de alojamento. Contudo, a dedicação dos peregrinos e o afeto e hospitalidade com que foram recebidos evidenciaram a resiliência de um povo cuja fé permanece inabalável, mesmo em tempos de adversidade, dá conta o relato.



Encontros online partilharam experiências de fé e de Fátima

Diogo Alves, assessor do Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima, e Catarina Afonso, enfermeira, professora e responsável nacional pela pastoral dos doentes do Movimento da Mensagem de Fátima, foram os convidados de mais duas conversas online da iniciativa “A Contas com Fátima”, nos passados dias 11 e 18 de outubro, respetivamente.

No primeiro encontro, que teve como interlocutora Rute Santos, do Departamento de Acolhimento e Pastoral do Santuário (DAP), Diogo Alves falou dos desafios de comunicar Fátima e a sua Mensagem. A Irmã Sandra Bartolomeu, do DAP, foi quem mediou a partilha trazida por Catarina Afonso, que falou da sua aproximação a Fátima através do cuidado que presta aos peregrinos a pé e da importância do escutar, acolher e cuidar na experiência da peregrinação.



Curso aprofundou o significado e a atualidade da mensagem de Fátima

À 18.ª edição, o Curso sobre a Mensagem de Fátima continua a suscitar enorme interesse junto de peregrinos, estudiosos e curiosos do tema. Diante de uma plateia de quase 200 participantes, a irmã Ângela Coelho, religiosa da Aliança de Santa Maria, postuladora da causa de canonização de Francisco e Jacinta Marto e vice-postuladora da causa de beatificação da Irmã Lúcia, percorreu os elementos fundamentais das aparições da Cova da Iria. Desse itinerário fizeram parte pontos tão importantes como a relevância e o significado da mensagem e as implicações para a vida cristã no passado e no presente.

Novo ano pastoral inicia a 30 de novembro no Santuário de Fátima

Está marcada para o dia 30 de novembro a jornada de apresentação do novo ano pastoral no Santuário de Fátima. Às 14h30 é inaugurada a exposição temporária “Servir – a única pregação”, no Convívio de Santo Agostinho. Às 15h30, o reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, dá início à sessão de apresentação. A tarde prossegue com um painel sobre o tema do ano, “Peregrinos de Esperança”, um momento musical pelo Coro do Santuário de Fátima, pela Schola Cantorum Pastornhos de Fátima e pelo Ensemble do Serviço de Música Sacra do Santuário. O bispo de Leiria-Fátima, D. José Ornelas, fará o encerramento da sessão.

Horário de inverno em vigor no Santuário

Alterações nos horários e nos locais de algumas celebrações prolongam-se até à Páscoa.

Patrícia Duarte

Desde o dia 1 de novembro e até à Páscoa, encontra-se em vigor o horário de inverno no Santuário de Fátima, com alterações nos locais e nas horas de algumas das celebrações.

A missa das 11h00 é agora celebrada de segunda a sexta-feira, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário e, ao fim de semana, na Basílica da Santíssima Trindade. O Re-

cinto de Oração deixa assim de ser o local da missa das 11h00 aos domingos.

Outra alteração a ter em consideração é a missa de domingo das 12h30, na Basílica da Santíssima Trindade, que passa a ser celebrada diariamente na Capelinha das Aparições.

Também ao domingo, mas no horário das 16h30 a missa

celebrada na Capelinha das Aparições transita para a Basílica da Santíssima Trindade.

Relativamente às missas noutras línguas, até à Páscoa, deixam de ser celebradas na Capelinha das Aparições, em italiano, às 8h00, de segunda a sábado, em inglês, às 15h30, de segunda a sexta-feira, e em espanhol, às 19h15, de domingo a sexta-feira.

A Procissão Eucarística que se realiza, no horário de verão, ao domingo, às 17h30, no Recinto de Oração, é substituída pela Oração de Vésperas, no mesmo horário, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, durante o período de inverno.

O Rosário na Capelinha das Aparições, às 14h00, passa a ser recitado apenas aos sábados e domingos.

lica da Santíssima Trindade; às 15h00, de segunda a sábado na Capela da Morte de Jesus e, ao domingo, na Basílica da Santíssima Trindade; às 16h30, de segunda a sábado, na Capela da Morte de Jesus e, ao domingo, na Basílica da Santíssima Trindade; às 18h30, diariamente, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário.

Ainda que este seja o programa regular até à Páscoa, em alguns momentos, como na ocasião das celebrações natalícias, na Quaresma e na Semana Santa, o programa celebrativo sofrerá alterações específicas que nessas ocasiões serão também dadas a conhecer (e estão sempre consultáveis no site do Santuário de Fátima: www.fatima.pt).

As transmissões da Missa das 11h00 e da recitação do Rosário às 18h30 e às 21h30 são asseguradas diariamente nos meios digitais do Santuário de Fátima (YouTube e Facebook).

HORÁRIO DE INVERNO	
MISSA	
07h30	todos os dias Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
09h00	de segunda a sábado Capela da Morte de Jesus domingo Basílica da Santíssima Trindade
11h00	de segunda a sexta Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima sábado e domingo Basílica da Santíssima Trindade
12h30	todos os dias Capelinha das Aparições
15h00	de segunda a sábado Capela da Morte de Jesus domingo Basílica da Santíssima Trindade
16h30	de segunda a sábado Capela da Morte de Jesus domingo Basílica da Santíssima Trindade
18h30	todos os dias Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
ROSÁRIO	
10h00	sábado e domingo Capelinha das Aparições
12h00	de segunda a sábado Capelinha das Aparições
14h00	sábado e domingo Capelinha das Aparições *
16h00	domingo Capelinha das Aparições
18h30	todos os dias Capelinha das Aparições
21h30	todos os dias Capelinha das Aparições
* Durante a Quaresma, ao domingo, não se celebra o rosário das 14h00.	
CONFISSÕES	
07h30 às 19h30	sábado e domingo Capelas da Reconciliação
07h30 às 13h00	de segunda a sexta Capelas da Reconciliação
14h00 às 19h30	de segunda a sexta Capelas da Reconciliação

As celebrações que se mantêm

Durante os períodos de inverno e verão, mantém-se a veneração dos Santos Francisco e Jacinta, de segunda a sexta-feira, às 18h00, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário.

No que diz respeito às missas, mantêm-se os seguintes horários: missa diária, das 7h30, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário; às 9h00, de segunda a sábado, na Capela da Morte de Jesus; às 9h00, ao domingo, na Basi-

AGENDA

novembro

24 dom	NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, REI DO UNIVERSO – Solenidade PEREGRINAÇÃO NACIONAL DO FOLCLORE PORTUGUÊS
30 sáb	JORNADA DE APRESENTAÇÃO DO ANO PASTORAL DE 2024-2025 INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA DO MUSEU DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA “Servir – a única pregação”

dezembro

1 dom	DOMINGO I DO ADVENTO INÍCIO DO ANO PASTORAL DE 2024-2025
7 sáb	PRIMEIRO SÁBADO VIGÍLIA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA
8 dom	DOMINGO II DO ADVENTO IMACULADA CONCEIÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA – Solenidade